

PREVALÊNCIA E FATORES RELACIONADOS À REALIZAÇÃO DA MAMOGRAFIA DE RASTREAMENTO EM IDOSAS EM TERESINA-PI.

Vanessa Caminha Aguiar Lopes (bolsista do PIBIC/CNPq), Maria Esther Silva (colaboradora, Depto de Enfermagem - UFPI), Maria do Livramento Fortes Figueiredo (Orientadora, Depto de Enfermagem - UFPI)

Introdução: O Brasil vivencia modificações significativas quanto ao perfil demográfico, evidenciando o envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida, principalmente nas mulheres, resultando na maior ocorrência de neoplasias. Ainda que afete pessoas de todas as idades, estudos afirmam maior ocorrência em pessoas com 65 anos de idade ou mais. Devido à elevada prevalência e as implicações que acompanham este câncer, o mesmo é bastante temido pelas mulheres, especialmente por afetar o psicológico influenciando não apenas na percepção da sua sexualidade e aparência física, mas também nos diferentes aspectos da sua vida social e afetiva. As mortes por câncer de mama podem ser restringidas quando o tumor é descoberto prematuramente, sendo a mamografia o instrumento mais efetivo para o diagnóstico precoce desse tumor, pois favorece um tratamento precoce mais eficaz e menos agressivo. Nessa perspectiva, foi criado o Consenso para o Controle do Câncer de Mama para oferecer à população acesso a detecção precoce em quantidade e qualidade do câncer de mama. Nesta perspectiva, a pesquisa pretendeu descrever a prevalência e alguns fatores relacionados à realização do exame de mamografia de rotina em mulheres com 60 anos ou mais na capital Teresina. **Metodologia:** Trata-se de um estudo documental com abordagem quantitativa, realizado no município de Teresina, na Secretaria Estadual de Saúde do Piauí – SESAPI, analisando-se dados do banco SISMAMA, um subsistema de informação do Sistema de Informação Ambulatorial SIA/SUS, instaurado pelo Ministério da Saúde. Os laudos mamográficos originados no SISMAMA foram analisados segundo a classificação do *Breast Imaging Reporting and Data System* (BI-RADS®). Solicitou-se a autorização da instituição para realizar o trabalho no banco de dados SISMAMA, ao tempo em que se firmou o compromisso de apresentar o relatório final à Secretaria Estadual de Saúde do Piauí. O projeto foi aprovado por meio do parecer nº 0161.0.045.000-11 do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da Universidade Federal do Piauí – UFPI, onde foi garantida a consideração dos princípios norteadores e aspectos éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, recomendados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados e discussão:** Foram analisadas 1.639 mamografias realizadas por mulheres com 60 anos ou mais. Em todas as faixas etárias identificou-se semelhante distribuição na qual prevaleceu a baixa escolaridade (sendo 47,59% com ensino fundamental incompleto e 26,44% analfabetas), totalizando um percentual de 74,03%. Estes são achados que contradisseram pesquisas realizadas nos estados do Brasil ou em outros países, nas quais os autores verificaram que o baixo nível de escolaridade é um obstáculo na procura da prevenção. Tal ocorrência pode ser associada ao melhor acesso à informação sobre o exame de mamografia realizado gratuitamente pelo SUS por estratégias do Governo Federal de divulgação nos meios de comunicação. Considerando a variável cor/raça, evidenciou-se que a maior procura pela prevenção ocorreu entre as mulheres pardas, com prevalência de 68,23%. No Brasil, a ocorrência de políticas públicas em defesa do negro ou do índio contribuiu para o mecanismo de afloração de identidades, no qual o negro passou a se autodesignar pardo na tentativa de fugir da sua condição de negro, assim como o branco admitiu as opções das

subdivisões raciais brasileiras por possuir algum parentesco dessa raça. Este é um fenômeno social que resultou no constante crescimento da denominação parda nas pesquisas e essa construção social pode ter representação ainda maior, visto que 24,34% não forneceram informação. Quanto a prevalência dos fatores de risco, observou-se que a maioria das idosas não apresentou risco elevado (87,17%). Porém, as idosas com 70 ou mais anos de idade foram as que mais apresentaram risco eminente (12,35%). Em segundo lugar, o número de idosas que não souberam informar se apresentam risco elevado variou de 20,5% a 24,2%. Nesse caso, variáveis do estado de saúde e das práticas preventivas como: ser dependente do Sistema Único de Saúde, ter uma auto-avaliação negativa de saúde, não ter realizado consulta médica no último ano ou não ter consultado um ginecologista são fatores de risco para o descuido com a prevenção. Analisando a realização do exame clínico das mamas, nas faixas de 60-64, 65-69 e 70-mais anos, prevaleceu a realização de exame antes de efetuar a radiografia, correspondendo a 79,03%, 80,41% e 79,90%, respectivamente. No entanto, o maior valor percentual de não execução foi encontrado nas mais anciãs, com 25,10%, diferenciando de 5 a 6% das idosas entre 60 e 69 anos. Quanto à realização de mamografia anterior ao atual exame, constatou-se que a maioria das idosas nas três faixas etárias já havia realizado o exame (68,5%, 70,5% e 57,3%, respectivamente). A quantidade de idosas que não souberam informar sobre a execução ou não de mamografia anteriormente (17,51%) é alta, sendo que as com 70 anos ou mais superaram as de menor idade (20,24%). Considerando o tempo de mamografia anterior, verificou-se maior ocorrência da categoria ignorados/brancos, representados por 31,84%, 30,05% e 42,89% nas faixas de 60-64, 65-69 e 70-mais anos, respectivamente. Dentre os dados registrados, observou-se a realização de um novo exame no período de 1 ano (39,09%) ou de 2 anos (36,07%), no total. De modo geral, observou-se maior ocorrência da categoria ignorados/brancos. O avanço da idade é acompanhado por mudanças fisiológicas que afetam diretamente a memória, interferindo também no desempenho dos idosos em diversas atividades de reconhecimento. Quanto a gravidade do resultado, as categorias 3, 4 e 5 do BI-RADS® variaram de 2,28 a 2,70% nas faixas etárias de 60-64, 65-69 e de 70-mais anos. A categoria 2, referente aos achados benignos, foi a predominante nos laudos mamográficos com 56,92%. Considerando os achados na mesma categoria por faixa etária, os valores foram relativamente: 48,21%, 57,88% e 68,42%, isto é, apresentaram-se ampliados com o avançar da idade. A quantidade de laudos inconclusivos (BI-RADS® 0) correspondente a 8,54% foi alta. O tempo de espera para a análise e confirmação dos exames gera sentimentos de ansiedade, angústia e até mesmo desamparo; logo, a incerteza diagnóstica faz com que o recebimento de um laudo irresoluto seja temido pela mesma, pois pode haver possibilidade de um diagnóstico positivo para malignidade. **Conclusão:** A quantidade de idosas que não souberam informar algum dado foi alta, sendo que as com 70 anos ou mais superaram as de menor idade. Resultado que dificultou análises, uma vez que não emitiu informações, evidenciando como é frequente a ocorrência de vieses de memória e de informação. Embora as estatísticas demográficas do IBGE mostrem que negros e pardos compõem cerca de metade da população do país, verificou-se que não existe uma pesquisa que possa identificar as particularidades da terminologia utilizada e possibilitar comparações do acesso à mamografia, visto que cada pesquisador diferencia seu parâmetro e organização dos grupos. A quantidade de laudos inconclusivos encontrada foi alta,

Área:

CV (X)

CHSA ()

ECET ()

demonstrando a necessidade de um maior controle de qualidade, fiscalização dos mamógrafos e capacitação profissional, visando o aumento de subsídios eficazes nos setores públicos de oncologia e atendimento de saúde adequado à população idosa. Nesse contexto, ressalta-se a importância da criação de fichas de informação pessoal para o melhor atendimento à pessoa idosa, pois esta exprime limitações decorrentes da própria senilidade. Pesquisas realizadas em bases de informação permitem avaliar a saúde da população, bem como são fundamentais para o planejamento das ações. O estudo permitiu uma reconstrução a respeito da atenção à saúde da mulher com idade avançada, em particular no que tange ao rastreamento do câncer de mama no Piauí, além de um olhar reflexivo do processo de envelhecimento e dos sentimentos que acompanham as idosas da realização ao laudo do exame de prevenção do câncer de mama. **Apoio:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Palavras-chave: Mamografia. Envelhecimento. Rastreamento.

Referências

ALMEIDA, A. *et al.* Construindo o significado da recorrência da doença: a experiência de mulheres com câncer de mama. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.9, n.5, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer. **Mamografia:** da prática ao controle. Rio de Janeiro: INCA, 2007.